

A LIVRARIA MARTINS

O recente falecimento do Ari Martins, dias após seu irmão Ênio, tem um peso especial para aqueles que fazem e gostam de literatura na velha Franca do Imperador, é como se fosse o fim de uma era, mesmo que estivessem aposentados a anos. A Livraria Martins criada por Ari no calçadão da Rua Marechal Deodoro era ponto de encontro de pessoas que gostavam de ler e também onde podíamos adquirir os livros dos autores que nos motivavam. Foi ali, na pequena loja que montou ao lado do antigo Bar Tubarão (hoje a DrogaRaia do centro) que comprei em 1976 um exemplar da revista Escrita editada por Wladyr Nader e vi, entre a surpresa e a felicidade, meu primeiro conto publicado. Foi aquele conto que me abriu um novo horizonte, que seria capaz de, além de projetar edifícios e cidades, também escrever ficção ainda que medíocre.

Ari era funcionário do Banco do Brasil quando surgiu a oportunidade de representar a Editora Abril na cidade, uma das mais importantes à época, publicava os quadrinhos do Pato Donald e Cebolinha, que tinha lançado publicações em fascículos as mais variadas, revistas de informação (Veja) e de fofocas da televisão (Intervalo), para mulheres (Cláudia) e adolescentes (Capricho), dentre tantas. Com seu irmão e fiel escudeiro Ênio, que trabalhava inicialmente mais no período noturno para ajudar, logo Ari saiu do emprego para empreender e ampliar o negócio, já que as vendas de revistas da Abril na época eram extraordinárias, pois contava ainda com uma rede de bancas de jornais pela cidade toda e região também.

O sucesso foi tanto que logo a loja passou para o outro lado do calçadão recém inaugurado da Rua Marechal Deodoro, num local bem mais amplo e onde se podia ficar horas conversando, folheando livros e revistas, era um programa semanal para as famílias e leitores. Era um ponto de encontro num tempo em que ele escorria mais lento, as pessoas conversavam ao vivo e liam livros em papel. Seu escritório ficava no segundo pavimento, subi aquelas escadas várias vezes para pedir patrocínio ao “Arte Agora”, suplemento cultural do Laboratório das Artes nos anos 1980, sempre nos apoiou. Ia também para entregar meus livros, ele mantinha uma estante com os autores locais. Lembro do susto que levei logo que lancei em 1981 o livro de contos “A noite dos Espantalhos e Parasitas”. Foi numa sexta-feira a noite defronte o Hotel Francano, fizemos uma manifestação pública na porta do Hotel para protestar contra sua destruição e lancei o livro. No sábado pela manhã, Ari telefonou na casa do meu pai pedindo para me avisar e providenciar mais livros, havia vendido os dez exemplares que tinha deixado. Levei mais dez, ele disse: “não, quero 50, tá vendendo tudo”. Levei, na segunda ele pediu mais cem. Logo esgotou a tiragem de 500 exemplares. Foi meu único best-seller na vida, graças ao Ari.

Oscar Niemeyer dizia que para fazer um bom projeto de arquitetura é preciso primeiro ter um bom cliente. Foi o que aconteceu com meu amigo e compadre, o arquiteto Paulo Nehemy, contratado para fazer o projeto de uma residência para o Ari. Ele aceitou todas as ideias revolucionárias do Paulo, que construiu a famosa “Casa Panetone” no bairro São José, como o povo a apelidou à época da construção. Ainda está lá até hoje, mesmo que Ari tenha se mudado depois para uma chácara, quando aposentou.

A carreira empresarial de Ari Martins foi fortemente marcada por seu apoio à leitura e à cultura, permitindo que milhares de pessoas tivessem acesso a bens culturais como livros e revistas. Quando trouxemos à Franca escritores como Ignácio de Loyola Brandão ou a professora de arquitetura Raquel Rolnik, era só avisar o Ari que trazia os livros desses autores e os vendia no dia da palestra, não precisávamos nos preocupar com a parte comercial, ele sabia fazer isso como ninguém. Só por isso seu lugar na história do comércio francano está assegurada. Viva Ari Martins.

Mauro Ferreira é arquiteto